

VARIAÇÃO ESTILÍSTICA NA ESCRITA ESCOLAR MONITORADA: O CASO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

STYLISTIC VARIATION IN MONITORED STUDENT WRITING: THE CASE OF PRONOMINAL ORDER

Silvia Rodrigues Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Adriana Lopes Rodrigues-Coelho

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas-

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O presente artigo discute a relação entre variação estilística e modos de organização discursiva, tomando por base o estudo sociolinguístico da colocação pronominal em dados extraídos de redações escolares dissertativas e narrativas (RODRIGUES-COELHO, 2011). Além de investigar a relação entre monitoração estilística e modos de organização, apresentam-se as motivações linguísticas e extralinguísticas que favorecem as variantes da ordem dos clíticos pronominais em construções verbais complexas, quais sejam: cl V1 V2 (*se pode investigar*), V1-cl V2 (*pode-se investigar*), V1 cl V2 (*pode se investigar*) ou V1 V2-cl (*pode investigar-se*). Com base no aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), o estudo permite depreender que o tipo de instituição escolar, o modo de organização discursiva, o tipo de complexo verbal e de clítico pronominal, e o contexto antecedente ao complexo verbal constituem variáveis relevantes ao fenômeno variável. Os resultados obtidos permitem, ainda, estabelecer estreita relação entre estilos e normas linguísticas.

Palavras-chave: colocação pronominal; sociolinguística; variação estilística.

ABSTRACT

This paper presents a discussion about the relationship between stylistic variation and discursive modes of organization, taking into consideration sociolinguistic research about pronominal order in dissertative and narrative texts produced by students (RODRIGUES-COELHO, 2011). Besides investigating the relationship between stylistic variation and discursive modes

of organization, this study provides linguistic and extralinguistic restrictions to the order of pronominal clitics in verbal complex according to the variants cl V1 V2 (*se pode investigar*), V1-cl V2 (*pode-se investigar*), V1 cl V2 (*pode se investigar*) ou V1 V2-cl (*pode investigar-se*). Developed within the framework of Labovian Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), the research establishes that educational institution, discursive mode of organization, structure of verbal complex and pronominal clitic, and antecedent context of the verbal complex have developed relevant role on conditioning the variable phenomenon. Finally, the relationship between discursive styles and linguistic norms has been established.

Keywords: pronominal order; sociolinguistics; stylistic variation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por propósito geral investigar, com base em resultados relativos à colocação pronominal, a possível relação entre variação no eixo do registro (estilística) e modos de organização discursiva (narrativos e dissertativos). Parte-se do pressuposto geral de que os estudos da variação estilística podem oferecer forte contribuição para a caracterização das normas de uso relacionadas a fenômenos morfossintáticos. Abordam-se, em particular, textos escritos produzidos em contexto considerado monitorado, visto que constituem parte integrante das atividades didático-pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

Para fundamentar as reflexões acerca do tema proposto, o estudo baseia-se especificamente na expressão variável da ordem dos clíticos pronominais em contextos de complexos verbais – duas ou mais formas verbais com determinado grau de integração sintático-semântica –, consoante as seguintes variantes: cl V1 V2 (*se pode investigar*), V1-cl V2 (*pode-se investigar*), V1 cl V2 (*pode se investigar*) ou V1 V2-cl (*pode investigar-se*). Tendo em vista que o uso dessas variantes na escrita brasileira assume forte relação subjetiva com o ideário de norma padrão, pressupõe-se que dados relativos ao tema da colocação pronominal podem, por si só, fornecer evidências relacionadas ao que o usuário da língua supõe ser adequado nos chamados estilos monitorados.

Para o cumprimento dos objetivos planejados, o presente artigo cumpre as seguintes tarefas: (i) expor sinteticamente o conceito de variação

estilística que fundamenta o trabalho; (ii) apresentar, com base no estudo de Rodrigues-Coelho (2011), as variáveis linguísticas e extralinguísticas atuantes no comportamento da regra variável, pondo em destaque a atuação do modo de organização discursiva – dissertativo e narrativo; e (iii) com base nos resultados apresentados, propor reflexões acerca do tratamento da variação estilística e, ainda, da relação que se pode postular entre estilos e normas linguísticas.

1. Variação estilística: breve conceituação

O interesse pela variação estilística ocupou parte da agenda dos primeiros trabalhos sociolinguísticos desenvolvidos por William Labov. Como demonstra o próprio autor ao mencionar o estudo de variáveis fonológicas para a caracterização do inglês de Nova York, a investigação “indicou variação regular em estilos e contextos diferentes” (LABOV, 1972, p. 101). Definir esses estilos e os contextos apropriados para sua detecção constituiu foco do referido estudo.

Consoante a proposta laboviana, a definição de estilo centra-se fundamentalmente na atenção dispensada à fala/expressão linguística pelo próprio falante. Sabe-se que essa atenção resulta de diversos fatores de natureza discursivo-interacional, tais como o perfil do interlocutor e o contexto conversacional. Em se tratando da modalidade escrita, fatores como o gênero textual, o modo de organização discursiva predominante¹ e o veículo de divulgação do texto constituem elementos fundamentais à caracterização desse contexto.

Em proposta teórico-descritiva para um tratamento adequado da complexidade sociolinguística que envolve a caracterização do Português do Brasil, Bortoni-Ricardo (2004; 2005) sugere que três *continua* da variação sejam considerados: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística. Nessa proposta, a autora concebe que o estilo seja postulado, de forma escalar, em um *continuum* de maior ou menor monitoração, de modo que os usos linguísticos constituem a expressão variável de graus diversos de atenção à fala.

¹ Não faz parte do escopo deste trabalho o produtivo debate de que se tem ocupado a Linguística textual a respeito da tipologia dos domínios, tipos e gêneros textuais. Neste artigo, cabe destacar apenas que se consideram as redações escolares como um gênero textual, e a dissertação e a narração como modos de organização discursiva predominantes nos textos em análise.

Interessa, no presente trabalho, tratar da variação estilística considerando, por hipótese, que os textos em análise foram formulados pelos alunos consoante certo grau de atenção à escrita, tendo em vista o contexto acadêmico-escolar. Esse contexto pressupõe, como se sabe, o professor como principal interlocutor e o compromisso com a avaliação da produção textual, o que traz por inevitável consequência a busca de um estilo monitorado ou, ao menos, semimonitorado. O grau de monitoração estilística dependerá, sem dúvida, das condições estabelecidas para a atividade, que envolvem as características próprias do modo de organização discursiva, o tema da redação, o fato de haver ou não divulgação do texto, dentre outras motivações. Atenção especial será dada, neste trabalho, ao primeiro desses fatores: as diferenças do comportamento verificado nos textos narrativos e nos dissertativos.

2. A variação da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais: o estudo de Rodrigues-Coelho (2011)

Com base na análise variacionista das ocorrências de pronomes átonos coletadas no *Corpus Rio acadêmico-escolar*², Rodrigues-Coelho (2011) procede à investigação da ordem dos clíticos pronominais no conjunto de 448 redações, dissertações e narrações, produzidas por alunos (meninos e meninas) do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio, em escolas públicas e privadas.

A organização estratificada do *corpus* permitiu à pesquisadora o controle de quatro variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade dos alunos; tipo de instituição à qual estão vinculados; modo de organização discursiva predominante nos textos³; e sexo dos estudantes. As variáveis independentes linguísticas controladas foram as seguintes: número de formas auxiliares; forma do verbo principal; presença de preposição/conector

² O corpus abarca um conjunto de redações escolares coletadas em escolas públicas e particulares do Estado do Rio de Janeiro, no período de 2008 a 2010, organizada por Adriana Lopes Rodrigues Coelho e por Sílvia Rodrigues Vieira.

³ O modo de organização predominante nos textos é considerado uma variável extralinguística nesta investigação em virtude de a classificação dos textos como narrativos ou dissertativos não ter sido feita com base em aspectos linguístico-textuais característicos, que assim os pudessem definir. Na realidade, foi acatada a classificação feita pelos docentes que colaboraram com a formação do *corpus*.

no interior do complexo verbal; tipo de clítico; elemento antecedente ao complexo verbal; tempo-modo da forma auxiliar e tipo de complexo verbal.

Os dados coletados e codificados de acordo com as variáveis postuladas foram submetidos ao tratamento estatístico. Para tanto, lançou-se mão do pacote de programas Goldvarb (2001), responsável por fornecer o índice de aplicabilidade da regra variável (frequência absoluta e percentual, e pesos relativos), as variáveis linguísticas e extralinguísticas estatisticamente relevantes à compreensão do processo de colocação pronominal, as variáveis não relevantes ao processo, e, ainda, o cruzamento entre grupos de fatores. O presente artigo considera exclusivamente os índices percentuais, tendo em conta que, sendo a variável dependente enéaria, interessa prioritariamente visualizar a mobilidade dos clíticos em relação às posições que são efetivamente produzidas no material em análise.

Os resultados da investigação referem-se ao total de 222 dados de clíticos pronominais em lexias verbais complexas, sendo 124 provenientes dos textos dissertativos e 98 dos textos narrativos. Considerando a forma do verbo principal – variável muito relevante para a análise do fenômeno –, os dados coletados referem-se, em sua maioria, a construções infinitivas (155 dados; 70% das ocorrências). Além dessas, integram a amostra 55 dados (23%) de construções gerundivas e apenas 15 dados (7%) de construções participiais.

Apresentam-se, a seguir, exemplos das variantes estudadas em complexos verbais com formas verbais infinitivas, todos retirados da amostra:

QUADRO 1: a variável dependente: variantes e exemplos

Pré-complexo verbal ou cl V1 V2	<i>A vida é feita de escolhas, mas não <u>se pode esquecer</u> suas raízes</i>
Intra-complexo verbal sem hífen ou V1 cl V2	<i>Porém logo pensei: que bobagem a minha, o nome de uma rua não <u>vai me influenciar</u> em nada</i>
Intra-complexo verbal com hífen ou V1-cl V2	<i>Partindo de tal princípio, <u>pode-se salvar</u> adolescentes ligados ao espaço criminoso.</i>
Pós-complexo verbal ou V1 V2-cl	<i>Sabia que ele <u>poderia tirá-lo</u>.</i>

Antes da apresentação dos resultados propriamente dita, faz-se necessário prestar alguns esclarecimentos de natureza metodológica. No presente trabalho, optou-se por identificar cada uma das quatro construções apresentadas no quadro 1 considerando, além da ordem superficial dos clíticos, a presença ou ausência do hífen. Esse critério de recolha de dados mostrou-se suficiente para a coleta e a identificação dos padrões praticados na escrita em contexto de aprendizagem escolar. Não se pretende, nos limites deste artigo, pôr em debate o tratamento do fenômeno na variedade brasileira como um todo, nem a interpretação das estruturas em cada caso particular⁴.

Assumem-se, de partida, alguns pressupostos: (i) a presença ou a ausência do hífen constitui forte índice de apreensão das estruturas propostas em contexto de aprendizagem, visto ser marca gráfica aprendida especificamente em situação de letramento; (ii) nem sempre é possível propor uma interpretação segura da ligação do clítico em termos sintáticos, tendo em vista o fato de que algumas construções são por si só ambíguas⁵; (iii) com base em resultados de outras pesquisas e no amplo debate existente na literatura sobre o tema, que atesta ser a próclise a V2 a construção inovadora brasileira, é possível propor interpretações prováveis no que tange à ligação sintática em alguns contextos estruturais⁶; (iv) nem sempre

⁴ Muito diversas têm sido as formas de abordar e interpretar as estruturas supostamente variáveis da ordem dos clíticos na literatura sobre o assunto. Com o objetivo específico de pôr em debate o tratamento do fenômeno em complexos verbais, Vieira (no prelo) procedeu à análise de onze trabalhos acadêmicos que contemplaram dados de clíticos em complexos verbais, apreciando criticamente as opções metodológicas feitas nessas pesquisas e propondo algumas medidas para a abordagem do fenômeno.

⁵ A esse respeito, é oportuno destacar o trabalho de Martins (2010), baseado em sua tese de doutorado, em que controla separadamente os dados, extraídos de peças de teatro catarinenses e lisboetas dos séculos XIX e XX, em dois grupos: um de “construções com alçamento” e outro de “construções sem alçamento”. O primeiro compreende duas variantes, sendo ambas estruturas em que o clítico estaria vinculado ao primeiro verbo: clV1(X)V2; e V1cl(X)V2. O segundo grupo, o das construções sem alçamento, compreende três variantes: V1(X)V2cl, casos de ênclise ao verbo não-finito; V1(X)clV2, casos de próclise ao verbo não-finito, identificados pela presença de material interveniente entre V1 e V2 ou pela presença de elementos proclisadores (contexto em que não se dá registro de ênclise a V1 na diacronia no Português); e V1clV2 – casos ambíguos, aqueles que, embora se admita que seja mais provável que o clítico esteja proclítico ao verbo não-finito, não seria possível atestar se há ênclise a V1 ou próclise a V2.

⁶ Schei (2003), por exemplo, em investigação sobre o fenômeno em textos literários brasileiros e portugueses do decorrer do século XX, interpreta os casos de clíticos sem hífen entre as formas verbais como ocorrências de próclise ao verbo principal, valendo-se dos seguintes fatos: (i) não se verificaram dados portugueses com próclise ao verbo não-finito; (ii) em vários dados, a próclise ao verbo não-finito ou a ênclise ao verbo auxiliar era evidente; (iii) quase todos os casos

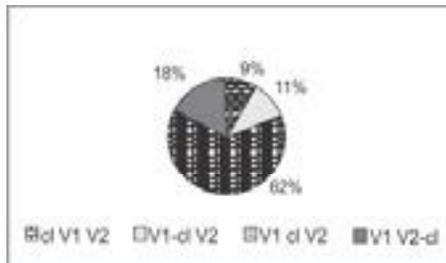
há coincidência entre o hospedeiro sintático e o hospedeiro fonológico, motivo pelo qual se postula que a ligação do clítico em termos fonético-fonológicos merece investigação particular.

Considerando a totalidade dos dados, a tabela e o gráfico de número 1, a seguir, demonstram a distribuição das ocorrências pelos fatores da variável dependente em análise, tal como apresentada no quadro 1.

TABELA 1: Distribuição geral dos dados pelos fatores da variável dependente

Fatores da variável dependente	Valores obtidos
cl V1 V2	22 – 9%
V1-cl V2	26 – 11%
V1 cl V2	134 – 62 %
V1 V2-cl	40 – 18%
Total	222 – 100%

GRÁFICO 1: distribuição geral dos dados pelos fatores da variável dependente



É digna de nota, inicialmente, a alta produtividade da variante V1 cl V2 nas redações escolares, em comparação às outras variantes: das 222 ocorrências de pronome átono coletadas, 134 (62%) manifestaram o pronome em posição intra-complexo verbal sem hífen. Em contrapartida, é igualmente notável a baixa produtividade da variante cl V1 V2, correspondendo a 22 dos 222 dados (9% das ocorrências). As demais variantes são registradas na amostra também com pouca produtividade (V1-cl V2, com 11%; V1 V2-cl, com 18%).

de clítico ligado ao auxiliar por hífen eram em construções com verbo não-finito no participípio ou no gerúndio, enquanto com infinitivos essa colocação era quase inexistente. O conjunto dessas evidências permite à autora atestar que a sistematicidade das opções gráficas revela que os padrões detectados em sua amostra não são casuais.

A distribuição geral dos dados possibilita atestar que, mesmo em contexto relativamente monitorado, os estudantes do Rio de Janeiro praticam normas de colocação pronominal que, de um lado, não são recomendadas pelos manuais prescritivos, como a variante entre as duas formas verbais sem o registro do hífen – o que se interpreta como reflexo da estrutura tida como vernacular, típica de contextos de fala espontânea, a próclise a V2 (cf. VIEIRA, 2002) –, e, de outro, apontam a aprendizagem de estruturas compatíveis com estilos monitorados (a anteposição do clítico a V1 e a marcação de hífen sinalizadora de ênclise a V1 ou a V2), nos quais a atenção à escrita acaba por acarretar compromisso com construções de prestígio idealizadas para o contexto de norma padrão.

Tendo sido observadas determinadas particularidades que podem caracterizar a cliticização pronominal em complexos verbais a depender da forma do verbo principal, optou-se por dar continuidade à análise quantitativa dos dados separadamente, formando-se, portanto, três subamostras, conforme se demonstra nas subseções que se seguem.

2.1. Complexos verbais com particípio

Verificaram-se apenas 15 ocorrências de clíticos pronominais em complexos verbais formados por particípio, distribuídas da maneira como se expõe na tabela 2, a seguir:

TABELA 2: Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com particípio consoante o modo de organização discursiva

Modo de organização predominante	Cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
Dissertativo	6 – 67%	0 – 0%	3 – 33%	0 – 0%
Narrativo	1 – 16%	0 – 0%	5 – 84%	0 – 0%
Total	7 – 46 %	0 – 0%	8 – 54%	0 – 0%

Nos contextos de complexos verbais com particípio, não se manifestou a variante V1-cl V2, nem a V1 V2-cl. A respeito da ausência de ênclise ao particípio, conforme já se esperava, esse resultado confirma outros apresentados por diversos estudiosos do tema, ratificando, por exemplo,

a generalização, proposta em Vieira (2002), de que o participio constitui a forma que comporta maior caráter nominal em comparação com as outras formas nominais. As variantes verificadas foram cl V1 V2 (46%) e V1 cl V2 (54%), revelando uma distribuição equilibrada. Embora o número de dados seja bastante reduzido, outros estudos também evidenciam que a próclise a V1 (como em *lbe é permitido*), pouco produtiva no Português do Brasil (doravante PB) como um todo, acontece com certa produtividade em construções participiais.

No que se refere ao modo de organização discursiva, pode-se observar que as dissertações apresentam maior número de dados (67%) da variante cl-V1 V2, do que as narrações (apenas 16%). Quanto ao uso da variante V1 cl V2, ao contrário das narrações (com 84% de próclise a V2), as dissertações apresentam poucas ocorrências dessa forma de colocação (apenas 33%). É possível, por hipótese, associar esse resultado a motivações de natureza estilística: parece razoável supor que não seja casual o fato de que nas narrações apareça maior uso da variante considerada natural, vernacular no PB, enquanto nas dissertações figure maior ocorrência da variante compatível com estilos monitorados, em que se atenta para a anteposição do clítico à primeira forma verbal. Essa hipótese será retomada quando da análise das construções gerundivas e infinitivas, adiante.

A análise dos pronomes em complexos participiais permitiu visualizar, também, que a distribuição dos dados se relaciona a fatores de natureza estrutural. Primeiramente, verificou-se que a aplicação de cl-V1 V2 em complexos participiais foi a opção dos alunos em contextos de voz passiva formada pelo auxiliar ser, independentemente do elemento que antecede o grupo clítico-complexo verbal, o que demonstra o caráter não variável de algumas construções. Observem-se os exemplos:

- (1) *O conceito de beleza que existe em nossa sociedade e nos é passado pelos meios de comunicação e pela mídia, faz muitas vezes as pessoas tomarem atitudes, às vezes impensadas* (dissertação, masculino, público, 3º ano)
- (2) *Conforme avançam as criações dos homens, eles perdem a noção do poder que lbes é permitido e agem como seres onipotentes* (dissertação, feminino, particular, 3º ano)

- (3) *É a droga do amor que quando se é correspondido é a melhor coisa do mundo, mas quando não se é correspondido é a pior coisa mundo.*
(dissertação, masculino, público, 9º ano)

No tocante aos tipos de clíticos, os exemplos demonstram que, mesmo na presença de clíticos argumentais como *nos* e *lhe*, a estrutura passiva privilegia a colocação pré-complexo verbal.

A variante V1 cl V2 manifestou-se em complexos verbais formados por *ter/haver* + particípio. As ocorrências dessa variante nos contextos de complexos com particípio evidenciam a inoperância de elementos proclisadores canônicos nesse contexto, conforme demonstram os seguintes exemplos:

- (4) *Passaram-se uns dias e Marinete já havia até se esquecido do ocorrido.*
(narração, masculino, público, 3º ano)
- (5) *Pedro, então lembrou de tudo o que Luciana havia lhe dito e devolveu tudo o que já tinha pegado dos passageiros* (narração, feminino, particular, 9ºano)
- (6) *O primeiro diagnóstico saiu; ele estava com asma, não entendi nada, pois havam me dito que era HIV.* (narração, masculino, público, 3º ano)

Os exemplos acima apresentam três diferentes tipos de clítico – *se* inerente, *me* e *lhe* – que concretizaram a aplicação da variante V1 cl V2 em complexos com particípio. O exemplo 4 demonstra a única ocorrência em que há um elemento interveniente nos complexos verbais com particípio. Ocorrências dessa natureza, com o pronome após o elemento interveniente (*até*), podem evidenciar a preferência dos alunos pela colocação proclítica ao verbo principal, e não enclítica ao verbo auxiliar.

De modo geral, percebeu-se, em relação aos complexos verbais com particípio, que o tipo de complexo desempenha papel relevante no condicionamento da ordem dos clíticos pronominais, já que as duas

variantes que se manifestaram – a próclise a V1 e a próclise a V2 – foram concretizadas por meio de estruturas específicas, quais sejam: construções passivas e estruturas temporais do tipo *ter/haver* + particípio. Desse modo, este estudo confirma que não se tem efetivamente, no caso das construções participiais em análise, contextos efetivamente variáveis, mas preferências na posição do clítico específicas em cada caso.

2.2. Complexos verbais com gerúndio

A tabela 3, a seguir, permite visualizar a distribuição dos 52 dados dos clíticos pronominais em contextos de complexos verbais formados por gerúndio encontrados no *corpus* utilizado.

TABELA 3: Distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com gerúndio consoante o modo de organização discursiva

Modo de organização predominante	Cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total
Dissertativo	0 – 0%	0 – 0%	25 – 84%	5 – 16%	30 – 58%
Narrativo	0 – 0%	0 – 0%	18 – 82%	4 – 18%	22 – 42%
Total	0 – 0 %	0 – 0%	43 – 83%	9 – 7%	52 – 100%

Verifica-se que os dados de complexos com gerúndio exibem aplicação apenas das variantes V1 cl V2 e V1 V2-cl, apresentando distribuição equilibrada ao se comparar os textos dissertativos e narrativos. Dessa forma, não foi possível confirmar, nesses complexos, a hipótese de que o modo de organização discursiva revelaria diferentes comportamentos relacionáveis a graus diversos de monitoração estilística. Cabe, então, a seguir, verificar os fatores de natureza estrutural que poderiam justificar a distribuição geral de dados nas construções gerundivas.

As ocorrências estudadas são constituídas de três diferentes tipos de complexos: *ir/vir* + gerúndio; *estar* + gerúndio; e *acabar* + gerúndio; havendo alta preferência pela ordem V1 cl V2. Observem-se, a seguir, os exemplos que podem demonstrar a escassa aplicação da variante V1 V2-cl nos contextos de complexos verbais com gerúndio:

- (7) *Entendo que as condições de miséria em que vivem muitos brasileiros acabam levando-os ao desespero quando se vêem diante de mais “uma boca” para sustentar.* (dissertação, feminino, particular, 3º ano)
- (8) *Uma jovem recém casada... mata o seu marido após descobrir que ele estava traindo-a com uma amante.* (narração, feminino, particular, 3º ano)
- (9) *O que lhe permite agora começar a explorar outra fronteiras. Vinha sentindo-se um pouco dividido, e que faltava alguma coisa em sua vida.* (dissertação, feminino, particular, 9ºano)
- (10) *A música para o jovem de hoje, tem total importância, e cada um escolhe seu ritmo e sua trilha, com isso, acaba descobrindo-se a real identidade que terá para ser um adulto de bem ou não.* (dissertação, feminino, particular, 3º ano)

Os exemplos podem demonstrar o comportamento observado nos dados, que revela, nos complexos verbais formados por gerúndio, a relação entre a variante V1 V2-cl e o tipo de clítico. A maior parte das ocorrências dessa variante encontra-se representada pelo uso dos pronomes *o/a(s)* e *se* reflexivo/inerente, clíticos sintaticamente vinculados ao verbo temático. Encontrou-se apenas uma ocorrência do clítico indeterminador/apassivador, reproduzida no exemplo 10. A preferência do clítico pela ligação a V2 pode ser confirmada nos contextos em que, mesmo na presença de um elemento tradicionalmente reconhecido como “atrator” do pronome átono (Cf. Bechara, 1999; Cunha, 2001), não ocorre a movimentação do clítico pronominal, conforme demonstram os exemplos 7 e 8 (que contam com a presença da conjunção integrante *que*).

Das 43 ocorrências da variante V1 cl V2, 30 correspondem ao uso do clítico *se* reflexivo/inerente, conforme se apresenta no exemplo 11:

- (11) *A “lei do belo” parece uma doença das mais contagiosa que vem se alastrando principalmente entre as adolescentes.* (dissertação, masculino, público, 3º ano)

Esse exemplo demonstra, mais uma vez, a inoperância dos elementos operadores de próclise, representados pelo pronome relativo, em posição imediatamente anterior ao grupo clítico-complexo verbal. As outras 13 ocorrências da variante V1 cl V2 caracterizam-se pelo uso do clítico de 1ª pessoa *me/nos* (9 dados), do clítico *o/a (s)* (2 dados), e, ainda, do *se indeterminador/ apassivador* e do *te* (1 dado cada).

Por fim, cabe mencionar que foram encontradas ocorrências nas quais figura um elemento interveniente no interior do grupo clítico-complexo verbal. Essas ocorrências contribuem para reafirmar que a colocação intra-complexo verbal sem hífen sinalizando a próclise a V2 é de fato a opção preferida pelos alunos, como se pode observar no exemplo 12, a seguir, em que o *se* aparece após o advérbio *sempre*.

- (12) *O que não pode é ficar agredindo seu corpo e nem ficar sempre se espelhando em outras pessoas.* (dissertação, masculino, público, 3º ano)

De modo geral, pode-se perceber que, em complexos verbais formados por auxiliar + gerúndio, o clítico pronominal também tende a se ligar a V2, ocupando, sobretudo, a posição proclítica ao verbo principal, característica do PB vernacular. Determinados tipos de clítico – especialmente o acusativo de 3ª pessoa – podem colaborar, ao que parece, para que se efetive, ainda, a variante enclítica ao complexo na escrita escolar.

2.3 Complexos verbais com infinitivo

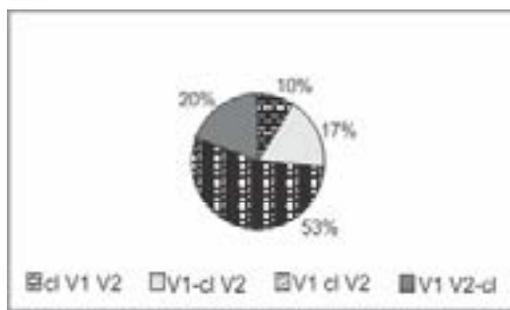
No que se refere à sub-amostra de complexos verbais com infinitivo, procede-se a uma análise mais detalhada das variáveis investigadas, tendo em vista o maior número de dados e, conseqüentemente, a maior diversificação dos contextos de aplicação da regra variável.

Quanto ao comportamento geral da sub-amostra, as 155 ocorrências de pronomes átonos em complexos verbais com infinitivo distribuíram-se da seguinte maneira pelas variantes da variável dependente:

TABELA 4: Distribuição das construções infinitivas pelos fatores da variável dependente

cl V1 V2	15 – 10%
V1-cl V2	26 – 17%
V1 cl V2	83 – 53%
V1 V2-cl	31 – 20%
Total	155 – 100%

GRÁFICO 2: distribuição das construções infinitivas pelos fatores da variável dependente



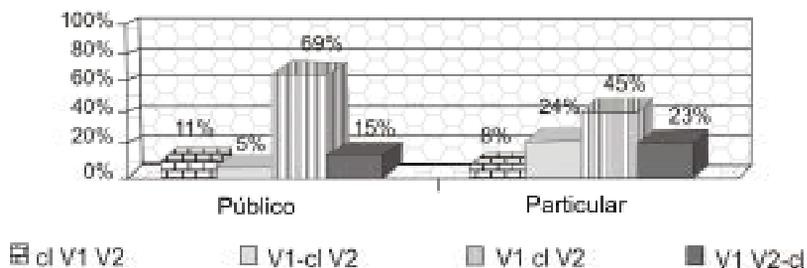
A tabela 4 e o gráfico 2 evidenciam as mesmas tendências da amostra geral, já comentadas no início da seção 2 deste artigo. Comparando os valores obtidos nas construções infinitivas aos obtidos com o total de dados coletados, é importante destacar que é o contexto com infinitivo o único responsável pelo registro da variante V1-cl V2 no *corpus*. Além disso, verificou-se que a maior parte dos dados de pré-CV e pós-CV é de construções infinitivas. Como já se demonstrou, a próclise ao complexo ocorre também em algumas construções participiais, e a ênclise ao complexo ocorre também em construções gerundivas.

2.3.1 Variáveis extralinguísticas

Apresentam-se, aqui, os resultados das variáveis em que se pôde verificar um comportamento diferenciado entre os fatores considerados, quais sejam: o tipo de instituição e o modo de organização discursiva predominante nos textos. Os grupos de fatores nível de escolaridade e sexo não apresentaram, em termos percentuais, diferenças expressivas de acordo com as hipóteses formuladas.

a) Tipo de instituição

GRÁFICO 3: distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante o tipo de instituição escolar



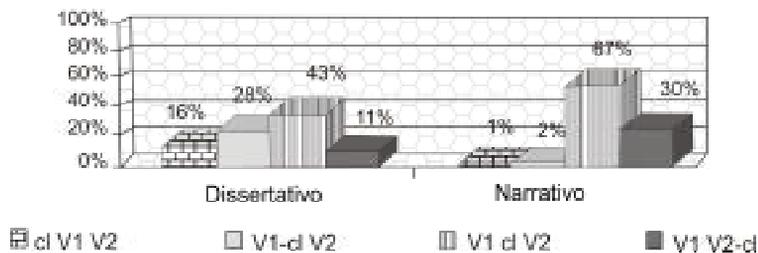
O gráfico 3 demonstra que os textos de alunos matriculados em instituições particulares apresentam maior distribuição de dados entre os fatores da variável dependente e, ainda, os maiores índices de aplicação das variantes V1-cl V2 e V1 V2-cl (respectivamente, 24% e 23%) – posições consideradas como regra geral nos manuais normativo-gramaticais. A variante pré-complexo verbal foi a menos expressiva nos textos de ambos os tipos de escolas, tendo sido encontrado um número bastante aproximado de ocorrências (7 – 11% – em escolas públicas e 8 – 8% – em escolas particulares).

Os resultados obtidos permitem inferir que, embora nas escolas particulares também se registre – ainda que em número menor, se comparado ao obtido nas escolas públicas – a variante desprivilegiada nos compêndios normativos (a próclise a V2), é no contexto da rede particular de ensino que se verifica maior registro das variantes idealizadas na norma padrão gramatical (a ênclise a V1 e a V2). Desse modo, pode-se aventar, com base na diferença de 24 pontos percentuais, a hipótese de que haveria certa tendência à manutenção do *status* da norma padrão ideal por parte da escola particular, diferentemente do que ocorre na escola pública, possivelmente mais variada não só quanto ao público-alvo, mas também quanto às propostas pedagógicas. Sem dúvida, trata-se tão-somente da formulação de uma hipótese, que precisa ser averiguada na continuidade da pesquisa, tendo em vista que, no presente trabalho, (i) não se utilizou a análise estatística multivariada, que fornece os pesos relativos, e, ainda, (ii) não se verificou a influência de diversos outros fatores relevantes, como,

por exemplo, o perfil sociocultural do estudante e de seus familiares, e o material didático específico de cada turma.

b) Modo de organização discursiva

GRÁFICO 4: distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante o modo de organização discursiva



Os resultados da variável modo de organização discursiva apresentam, sem dúvida, diferenças relevantes quanto à concretização das variantes nas construções infinitivas. No que se refere aos textos dissertativos, a distribuição dos dados se dá em relação a todos os fatores da variável dependente, o que não se verifica no que se refere aos textos narrativos, em que se concentram as variantes V1 cl V2 e V1 V2-cl. Os resultados obtidos acerca dos textos narrativos apontam o maior uso da estrutura usada cotidianamente, o que se comprova no alto índice de frequência da variante V1 cl V2, posição considerada natural no PB vernacular. Os textos dissertativos demonstraram, portanto, um comportamento menos distante das estruturas típicas da escrita padrão conforme o modelo prescritivo.

Verificando os dados extraídos dos textos dissertativo-argumentativos, que se constroem com a finalidade de persuadir o leitor, foi possível atestar a produtividade de complexos verbais formados por verbos modais *poder/dever*, combinados frequentemente com o pronome *se* indeterminador/apassivador, como nos exemplos a seguir:

- (13) *A conclusão que pode-se tirar é que escolher nossos caminhos é o melhor.*
(dissertação, feminino, particular, 9º ano)

- (14) *Para mudar a precisão em que as escolas se tornam, deve-se pensar no que a escola pode ajudar no futuro.* (dissertação, feminino, particular, 9º ano)

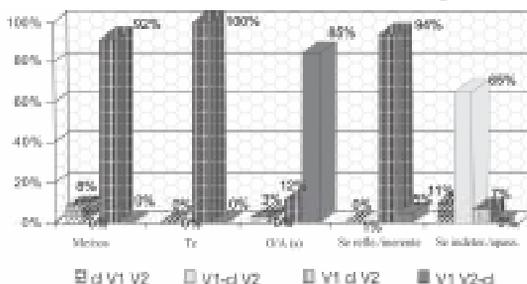
Verifica-se, portanto, que o comportamento dos clíticos pronominais nos diferentes modos de organização discursiva se relaciona às características prototípicas da dissertação e da narração. Os textos dissertativos favorecem estruturas modalizadas na apresentação de pontos de vista e um caráter bastante impessoal, conforme recomendam professores e diversos materiais didáticos. Essas características acabam por favorecer um estilo em que cabe a presença de construções modais e do pronome *se*, estruturas que, como apontam outros estudos sobre o fenômeno (Vieira, 2002; 2008), acabam por favorecer variantes da colocação pronominal enclítica. Em outras palavras, ao que parece, como decorrência do estilo dissertativo atuam algumas variáveis linguísticas, como o tipo de complexo verbal e o tipo de clítico pronominal.

No que se refere ao texto narrativo, modo de organização mais afeito à expressão de usos linguísticos produtivos costumeiramente na variedade brasileira, seja por lidar com diferentes perfis de personagens, seja por reproduzir cenas do cotidiano, verifica-se a expressiva frequência da variante considerada proclítica a V2.

2.3.2 Variáveis independentes linguísticas

a) Tipo de clítico⁷

GRÁFICO 5: distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante o tipo de clítico



⁷ Não se apresentam os resultados do clítico *lhe*, tendo em vista que eles se referem a apenas duas ocorrências, manifestadas pelas variantes *cl V1 V2* e *V1 cl V2*.

Em situações de uso dos pronomes de primeira pessoa – singular e plural – *me/nos* (92%), de segunda pessoa *te* (100%) e o clítico *se* reflexivo/inerente (94%), a variante V1 cl V2 constituiu a opção preferencial dos alunos, posicionando-se os pronomes às margens do verbo ao qual eles se ligam sintaticamente, conforme se observa nos exemplos 15 e 16, a seguir:

- (15) *Vinicius de Moraes já dizia que beleza é essencial, mas não podemos nos perder na busca por essa beleza* (dissertação, masculino, público, 3º ano)
- (16) *“Corto os pulsos pro final, saída de emergência” esse trecho da música é bem forte, vários jovens podem se guiar por essa música e até se matarem.* (dissertação, feminino, particular, 9º ano)

O clítico *se* indeterminador/apassivador demonstrou comportamento diferenciado, na medida em que concentra 65% das ocorrências concretizadas pela variante V1-cl V2 e 11% pela variante cl V1 V2. Os resultados obtidos acerca desse tipo de clítico revelam que tal pronome tende a se ligar ao verbo auxiliar, o que ainda se associa ao fato de que ele tende a ocorrer em construções prototípicas para expressar a indeterminação do referente. Todos os dados do clítico *se* indeterminador/apassivador ocorreram em complexos verbais formados por *poder/dever* + infinitivo, o que confirma a correlação entre as variáveis tipo de clítico e tipo de complexo, conforme já se apontou. De modo geral, em contexto de verbo inicial, o *se* indeterminador fica anexado a V1 com hífen; se antecedido de elemento proclisador, esse clítico passa a anteceder V1; em ambos os casos, dá-se a adjacência do pronome ao verbo finito.

O clítico acusativo de terceira pessoa também apresentou comportamento particular, tendo demonstrado alta frequência da variante V1 V2-cl (85%), o que demonstra que esse tipo de clítico tem grande relevância para o condicionamento do fenômeno em estudo, conforme atestam gramáticos e diversos estudiosos do tema. Observem-se alguns exemplos:

- (17) *Salomão mesmo não sabendo a fortuna que o diamante valia, sabia que ele poderia tira-lo dessa pobreza.* (narração, masculino, particular, 9º ano)

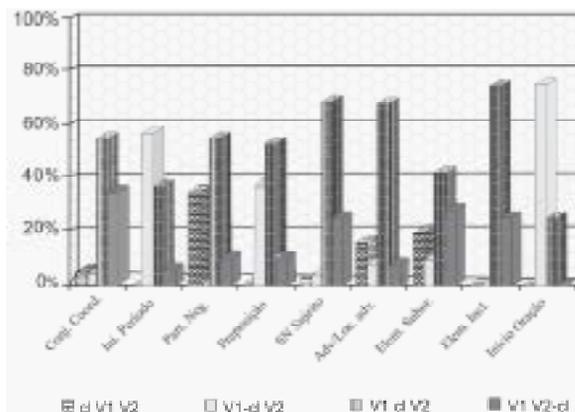
- (18) *Portanto, os jovens utilizam a música para diversas finalidades, assim essa exerce sobre eles coisas que irão marcá-los por toda sua vida.* (dissertação, masculino, particular, 9º ano)

- (19) *Se isso não acontecer sua consciência irá deixá-la com o sentimento de culpa por ter tirado a vida de seu próprio filho.* (dissertação, masculino, particular, 3º ano)

Em relação aos resultados referentes à variável tipo de clítico, pode-se inferir que determinados pronomes e estruturas passam a fazer parte do repertório linguístico dos alunos por meio da instrução formal, fato evidenciado pelo baixo índice de uso do pronome *lhe* e pela estrutura cristalizada V1 V2(infinitivo)—cl, em que se concentra a maior parte das ocorrências do clítico acusativo *o/a(s)*. Deve-se sublinhar, ainda, que a estrutura indeterminadora com *se* em ênclise à forma auxiliar também pode resultar do contato com a instrução formal, visto que, na oralidade, os alunos dispõem de diversos outros recursos para a indeterminação (como *a gente, você*, por exemplo).

b) Elemento antecedente ao complexo verbal

GRÁFICO 6: distribuição dos dados da ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais com infinitivo consoante o elemento antecedente ao complexo verbal



Em linhas gerais, para a maioria dos fatores considerados na variável elemento antecedente ao complexo verbal, observou-se a preponderância da colocação intra-complexo verbal sem hífen, que constitui a opção preferencial inclusive para alguns dos fatores não considerados operadores de próclise pela tradição gramatical, como, por exemplo, o SN sujeito e a conjunção coordenativa. Os resultados expostos evidenciam que a ordem dos pronomes átonos nos contextos de complexos verbais, nas redações escolares, não apresenta especificamente o respeito à proposta tradicional de que deveria haver a próclise ao complexo com elementos “atratores”.

Dois contextos, entretanto, parecem atuar no sentido de impedir a próclise ao complexo verbal na escrita escolar monitorada. Nesses casos, verifica-se a interferência da instrução formal no sentido de introduzir, na escrita, a ênclise a V1. Destaque-se que os casos de posição inicial de período ou de oração – que se relacionam, ainda, à variável tipo de clítico, visto que se trata fundamentalmente do *se* indeterminador – constituem os únicos contextos em que a próclise a V2 não é a opção preferencial; nesses contextos, verificaram-se maiores índices da variante V1-cl V2, respectivamente 57% e 75%.

No âmbito da atração dos pronomes pelos elementos que venham a anteceder o grupo clítico-complexo verbal, a partícula de negação e os elementos subordinativos sinalizam um possível efeito reduzido de atração dos pronomes proposto por vezes no contexto escolar, representando, respectivamente, 25% e 11% como índice de aplicação da variante cl V1 V2. Destaque-se que, mesmo nesses contextos, a variante cl V1 V2 não se apresentou como opção preferencial dos alunos. Observem-se os exemplos:

- (20) *Tudo o que se quer às vezes não se pode ter, mas mesmo não podendo você continua a querer.* (dissertação, feminino, particular, 9º ano)
- (21) *Sem muito esforço não se importando se lhe vai ocorrer a impotência sexual ou ataque cardíaco. Para eles e para todos isso vale tudo.* (dissertação, feminino, público, 3º ano)

3. Considerações finais: a colocação pronominal nas redações escolares e a variação estilística

Acredita-se que os resultados apresentados neste artigo tenham permitido cumprir o objetivo geral de cooperar com o conhecimento das normas de uso que se estabelecem em relação à ordem dos clíticos pronominais em construções verbais complexas no Português do Brasil, especialmente no que concerne à escrita escolar. Com base nesses resultados, é possível, ainda, propor algumas considerações a respeito da relação entre as normas de uso detectadas e a variação estilística referente aos modos de organização discursiva.

Em linhas gerais, os resultados permitem verificar que o uso e a ordem dos clíticos pronominais fazem parte do processo de aprendizagem desenvolvido nas escolas. Primeiramente, fica evidente que a educação formal introduz na escrita escolar, quanto ao emprego dos pronomes, certos clíticos pouco produtivos na língua falada (como as formas *o, a(s)* e *lhe*), além de motivar o uso do *se* indeterminador, que concorre com outras estratégias de indeterminação preferidas pelos brasileiros.

No que se refere à ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais, verifica-se que a variante V1 cl V2, que constitui a variante característica do PB vernacular, figura como padrão de uso preferencial no *corpus* analisado. Ainda assim, é notável a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos – o tipo de complexo verbal e o tipo de clítico pronominal, o contexto antecedente ao complexo verbal, o tipo de instituição à qual os alunos estão vinculados, o modo de organização predominante nos textos – no sentido de colaborar com a realização das demais variantes da ordem dos clíticos. Desse modo, certas posições não usuais no PB – como a ênclise à primeira e à segunda forma verbal – ocorrem na escrita escolar, o que parece se relacionar, sobretudo, a determinados tipos de clíticos e a certos tipos de construções verbais complexas, como se demonstrou na apresentação dos resultados.

Considerando a relação entre os modos de organização discursiva e as alterações linguísticas no nível estilístico, o estudo possibilita perceber que os textos narrativos e dissertativos configuram diferentes níveis de atendimento ao que se idealiza como norma própria do estilo monitorado.

Embora os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos atuem nos dados referentes aos dois modos de organização discursiva, a narração, ao que parece, evoca, por si só, menor grau de monitoração estilística, em comparação ao comportamento dos dados oriundos de textos dissertativos. Os resultados referentes aos complexos verbais com partíciio e com infinitivo nos dados extraídos de textos narrativos demonstram a manifestação mais expressiva das opções consideradas vernaculares – concebidas, consoante Labov (1972), como as formas privilegiadas na fala espontânea em situação natural de conversação. Quanto aos dados coletados nos textos dissertativos, verifica-se o emprego mais monitorado da colocação pronominal, o que é sinalizado pelo uso mais expressivo das variantes pertencentes à norma idealizada nos materiais normativos e pedagógicos.

As diferenças relativas aos modos de organização discursiva permitem, portanto, postular que as estruturas verificadas na narração se localizam, no *continuum* de monitoração estilística (cf. BORTONI-RICARDO, 2004; 2005), em um ponto mais próximo do eixo [- monitorado], se comparadas às da dissertação, que se localizariam em um ponto mais próximo do eixo [+ monitorado]. Desse modo, além das motivações extralinguísticas e linguísticas apresentadas no estudo variacionista, figura, como fator fundamental no emprego das variantes da ordem dos clíticos na modalidade escrita, o perfil do texto em que a oração é produzida, especialmente no que se refere ao modo de organização discursiva.

Uma reflexão adicional quanto à relevância da variável modo de organização discursiva parece, ainda, ser necessária: a relação que se pode estabelecer entre estilos (mais ou menos formais), modalidades expressivas (eventos de maior ou menor letramento) e normas linguísticas (mais ou menos cultas/populares). Como se pode observar, os resultados sinalizam que a maior monitoração estilística empregada no modo de organização discursiva dissertativo acarreta, na escrita escolar, maior emprego das estruturas consideradas cultas nos compêndios gramaticais. Nesse sentido, alto grau de monitoração estilística acaba por se correlacionar ao que os alunos concebem por apropriado ao texto escrito que pressuponha uma norma idealizada para os meios escolares. No modo de organização narrativo, cujos dados revelaram menor emprego das estruturas consideradas cultas

nos compêndios gramaticais, a menor monitoração estilística acaba por favorecer o uso das construções mais naturais no PB vernacular, nem sempre compatíveis com as sugeridas como “cultas” em abordagens prescritivas.

Nesse sentido, os graus de monitoração estilística, nos meios considerados cultos em termos sociolinguísticos, apresentariam estreita relação com o que Bortoni-Ricardo (2004; 2005) postula como *continuum* de oralidade-letramento: quanto mais monitorado o discurso, mais “letrado” ou mais próximo do eixo de letramento figura o texto; quanto menos monitorado o discurso, menos “letrado” ou mais próximo do eixo de oralidade figura o texto. Sem dúvida, não se trata de considerar monitoração estilística, modalidade expressiva e norma como entidades sinônimas; indivíduos pertencentes a variedades cultas ou populares, de meios urbanos ou rurais, na escrita ou na fala, podem alterar seu estilo em função das diversas circunstâncias sócio-comunicativas. Trata-se tão-somente de propor que, nos dados em questão, a relação entre eventos de letramento e alto grau de monitoração estilística demonstra certa compatibilidade nas opções linguísticas no que se refere ao atendimento à norma padrão idealizada.

Por fim, espera-se que o presente artigo tenha demonstrado a importância de aliar o tratamento da variação estilística aos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que inegavelmente modelam o fenômeno variável. Observadas as influências estruturais, resta ao pesquisador verificar as opções preferenciais nas amostras estudadas consoante fatores relacionados à construção dos textos, cujas intenções comunicativas podem ser extremamente diversificadas. Com a observação do conjunto de motivações que influenciam temas variáveis, como o da colocação pronominal em complexos verbais na escrita escolar, acredita-se que a atividade docente terá maior fundamentação para postular as diretrizes teórico- metodológicas e alcançar os objetivos propostos, fazendo com que os alunos manipulem conscientemente as formas alternantes disponíveis em sua variedade para redigir textos em estilos e normas diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro. In: ----- *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e Educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 39-52.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. [1972]

MARTINS, Marco Antônio. Clíticos em complexos verbais em Português. *Veredas on line 1/2010*. Juiz de Fora: Pós-graduação em Linguística/UFJF, 2010. p. 88-104.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 44ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. [1972]

RODRIGUES-COELHO, Adriana Lopes. *A ordem dos clíticos pronominais: uma análise sociolinguística da escrita escolar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2011 (Dissertação de mestrado).

SCHEI, Ane. *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas, 2003.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2002 (Tese de Doutorado).

_____. A variação na ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais: condicionamentos morfossintáticos e prosódicos. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. 1 ed. Niterói / RJ: Universidade Federal Fluminense-Instituto de Letras, 2008. p. 285-300.

_____. A complexidade do tratamento variacionista da ordem dos clíticos em complexos verbais. *Série Trilhas Linguísticas*. Araraquara/SP: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP (no prelo)

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. [1968]